

RUA CASTRO ALVES

Lei nº 3 de 26-08-1947, Artigo 1º, Inciso "b"

Lei nº 2104 de 13-08-1959, Artigo 3º

Formada pela rua 6 do arruamento Bueno de Miranda - Guanabara, rua 9 do Jardim Dom Bosco e avenida 2 do Jardim Nossa Senhora Auxiliadora

Início na rua Paula Bueno

Término na avenida Julio Diniz

Guanabara

Obs.: A lei nº 3/47, aprovada pela resolução nº 193-M, de 1947, da Assembléia Legislativa, foi promulgada pelo Prefeito Municipal de Campinas, Manoel Alexandre Marcondes Machado. A lei nº 2104/59 foi promulgada pelo Prefeito Municipal José Nicolau Ludge-ro Maselli. Esta lei prolongou esta via pública.

CASTRO ALVES

Antônio Frederico de Castro Alves nasceu na Fazenda Cabeceiras, Currálinho, Bahia, hoje denominada Castro Alves, em 14-março-1847 e faleceu em Salvador, Bahia, em 06-julho-1871. Era filho do médico Antônio José Alves e Clélia Brasília da Silva Castro. Depois dos estudos primários e Muritiba e Cachoeira, cursou Humanidades no Ginásio Baiano de Abílio Cesar Borges, onde recitou seus primeiros versos. Em 1862, foi fazer os preparatórios de Direito em Recife. Não tardou a destacar-se na capital pernambucana, como poeta empolgado pelas idéias liberais e abolicionistas da mocidade acadêmica do tempo. Entrou para a Faculdade em 1864. Em 1867, deixou o Recife ao lado da atriz Eugênia Câmara, por quem se apaixonara e, depois de fazer representar pela amante, em Salvador, o drama "Gonzaga" ou "A Revolução de Minas", que para ela escrevera especialmente, veio em sua companhia para o Sul. De passagem pelo Rio, visitou Machado de Assis e José de Alencar, que se impressionaram com seu talento poético. Chegou em São Paulo em março de 1868 e matriculou-se no terceiro ano do curso jurídico. Grangeou logo celebridade entre os seus colegas de Academia. Pouco depois, rompeu definitivamente com Eugênia Câmara, mergulhando numa crise de profunda melancolia. Para distrair-se, dedicou-se a caçadas nos arredores da cidade. Numa delas, feriu acidentalmente o pé com um tiro de espingarda. O ferimento infeccionou e agravou-se uma enfermidade pulmonar la tente, sendo o poeta removido para o Rio de Janeiro, onde lhe amputaram o pé. Em fins de 1869, regressou à Bahia para convalescer e tratar da edição de "Espumas Flutuantes", seu único livro publicado em vida. O livro foi publicado em fins de 1870, meses antes do poeta ali falecer vitimado pela tuberculose. Foi chamado de "O Poeta da Abolição". Mais tarde publicaram, de sua autoria: "Os Escravos", "Navio Negreiro", "Vozes d'África", "Os Cantos do Equador", "Don Juan" e a tradução de "El Diablo Mudo", de Espronceda.



Lei N. 3, de 26 de agosto de 1947

Dando as denominações de "Eng. Carlos Stevenson" e "Castro Alves" a duas vias públicas

O Prefeito Municipal de Campinas, nos termos do inciso II, do art. 3.º, do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, da Constituição Estadual, promulga a seguinte lei:

Art. 1.º — Ficam denominadas pela forma abaixo indicadas as seguintes vias públicas desta cidade, a saber:

a) — Rua Engenheiro Carlos Stevenson, a via pública que tendo início na Rua Emilio Ribas, termina na Rua 9 do novo arruamento — Nova Campinas — no Bairro do Cambuf;

b) — Rua Castro Alves a via pública que tendo início na Rua Paula Bueno, termina na Avenida Barão de Itapura, no Bairro de Guanabara.

Art. 2.º — Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Paço Municipal de Campinas, aos 26 de agosto de 1947.

MANOEL ALEXANDRE MARCONDES MACHADO
Prefeito Municipal

Publicada na Diretoria do Expediente da Prefeitura Municipal, em 26 de agosto de 1947.

O Diretor,
ADMAR MAIA

(Aprovada pela resolução n. 193-M, de 1947, da Assembléia Legislativa).



LEI N.º 2104, DE 13 DE AGOSTO DE 1959
DA NOME A PROLONGAMENTO DE RUAS
 A CAMARA MUNICIPAL DECRETA E EU, PREFEITO DO MUNICIPIO DE CAMPINAS, PROMULGO A SEGUINTE LEI:

Artigo 1.º — O prolongamento da Avenida Nossa Senhora de Fátima através da Avenida 2 do Jardim Bela Vista, até a Companhia Mogiana de Estradas de Ferro, passa a ter a mesma denominação.

Artigo 2.º — O prolongamento da Rua Coronel Joaquim José de Oliveira através da Rua 8 do Jardim Nossa Senhora Auxiliadora, até atingir o Parque Portugal, passa a ter a mesma denominação.

Artigo 3.º — O prolongamento da Rua Castro Alves, através da Avenida 2 do Jardim Nossa Senhora Auxiliadora até a Avenida Júlio Diniz, passa a ter a mesma denominação.

Artigo 4.º — Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Paço Municipal de Campinas, aos 13 de agosto de 1959.

José Nicolau Ludgero Maselli — Prefeito Municipal

Engo. José Benedito de Mello — Sec. de Obras e Servs. Públicos
 Publicada no Departamento do Expediente da Prefeitura Municipal, em 13 de agosto de 1959.

Alvaro Ferreira da Costa — Director



CORREIO DA MANHÃ, Quarta-Feira, 5 de Julho de 1961

Vida Cultural

A glória de Castro Alves

Transcorre amanhã o 90º aniversário da morte de Castro Alves, o poeta admirável cuja tuba sonora ecoa através dos tempos, mantendo a fama daquele estro majestoso, que tanto eleva e sublima a poesia nacional.

Morto aos vinte e quatro anos, a sua curta existência teve extraordinário fulgor e quase um século depois raros serão os que não lembrarão um verso, ao menos, daquela lira privilegiada, de surtos condoreiros ou de líricos acordes característicos da nossa poesia.

Castro Alves representa uma época de ouro da poesia brasileira, um capítulo inteiro de nossa história literária, merecendo assim todas as homenagens que por certo lhe prestarão as entidades culturais do país e a multidão dos seus admiradores incondicionais.

Se gênio é aquele que caminha com um pé no futuro, Castro Alves o foi pela elevação e preminência de seus ideais, pela grandiosidade de seus sonhos, pelo idealismo e compreensão humana dos problemas sociais e da nacionalidade.

O "Poeta dos Escravos" tem neste cognome um legítimo galardão, mas não será esse o seu único título, de tal maneira se credenciou à nossa gratidão e à admiração da posteridade.

Depois de lembrar que "só Casimiro de Abreu pela sensibilidade magoada, Fagundes Varela pela inspiração da natureza, começariam a ser verdadeiramente brasileiros", afirma Afrânio Peixoto: "Castro Alves o foi, completamente, na sensibilidade, na forma, na idéia, sentindo a natureza do Brasil, apaixonando-se pelos ideais brasileiros, manifestando-se com uma pujança, um colorido, uma espontaneidade, um arroubo, uma originalidade, desconhecidos até então e, até agora, não iguálos nos fastes das letras nacionais".

Dos 16 aos 24 anos, com o esplendor de sua lira, conquistou Castro Alves o maior renome em todo o país, que ele encheu de norte a sul com a maviosidade e a ardência de seus versos, tantos

dêles declamados nos palcos ou nos comícios, com os transbordamentos da sua mocidade e do seu talento.

Na Bahia, onde nasceu e morreu, no Recife, no Rio, em São Paulo, a sua figura foi aclamada em delírio, conhecendo a glorificação de corpo presente no aplauso das multidões que sabia arrebatá-lo, com sua palavra fremente.

A causa da Abolição teve nele um precursor magnífico, nesses poemas transbordantes de sonoridade, sentimento e beleza, como o "Navio Negreiro", "As vozes d'África", o "Adeus, meu canto!" e tantos outros, na verdade impercíveis na poesia brasileira.

Também a República foi um sonho seu, do seu espírito ansioso, pleno de entusiasmo.

Dêle disse bem José de Alencar: "Palpita em sua obra o poderoso sentimento da nacionalidade, essa alma da pátria que far os grandes poetas, como os grandes cidadãos".

Como Alencar, também Machado de Assis, Rui Barbosa, Euclides da Cunha, José Veríssimo, Joaquim Nabuco, Afrânio Peixoto e tantos mais disseram o seu louvor, bem assim Valentim Magalhães que o escolheu para patrono de sua cadeira, ao fundar-se a Academia Brasileira de Letras, cadeira essa hoje ocupada pelo erudito Afonso Pena Júnior.

Ali está, no jardim da Academia, uma placa que perpetua o mais belo verso da poesia brasileira, escolhido em concurso popular feito pela "A Noite": "Auriverde pendão da minha terra", consagrando a musa de Castro Alves".

Imortalizando o poeta, também está no Passeio Público o seu busto, bela homenagem do povo carioca.

Ele bem fez por merecê-la, encarnando os nobres anseios da nacionalidade.

E soube fazê-lo dando à sua lira os mais altruísticos propósitos, sem prejuízo do seu lirismo tão brasileiro, um dos fatores da sua justa popularidade.

N. C.

**DIA 14 DE MARÇO**

1847 Nasce na comarca de Cachoeira, Bahia, o poeta Antonio de Castro Alves, falecido na cidade do Salvador a 6 de julho de 1871. Iniciou estudos de Direito em Pernambuco, prosseguindo-os em São Paulo, onde exerceu grande influência sobre a mocidade. Ardoroso abolicionista, poeta lírico e épico pela inspiração e pelo tema social, seus versos distinguem-se por uma eloquência inflamada e imaginosa, eloquência que o poeta pôs ao serviço dos seus ideais de liberdade e emancipação. Suas obras: "Espumas Frutíferas", "Gonzaga ou a Revolução de Minas" e "A Cachoeira de Paulo Afonso" alcançaram mais de cinquenta edições.



BIOGRAFIA

CASTRO ALVES, O POETA DA ABOLIÇÃO

N. 14.03.1847 - FAL 06.07.1871

NÃO apenas como um grande poeta e vulto eminente do estilo condoreiro em nosso país deve ser lembrado o vate balano, mas muito especialmente pela característica de defesa dos oprimidos e do cunho social que as suas poesias



Castro Alves

encerram, atingindo um fim por todos os modos louvável, como ocorreu na campanha abolicionista.

Antonio de Castro Alves nasceu na «boa terra» a 14 de março de 1847, na fazenda das Cabeceiras, filho do médico dr. Antônio José Alves e de d. Clélia Brasília da Silva Castro. Estudou em sua terra natal, no Colégio do dr. Abílio Borges, barão de Macaúbas. Tendo vindo cursar a Faculdade de Direito de São Paulo, aqui deu expansão ao seu talento poético. Mas certo dia em que resolveu caçar nas matas que havia no Braz ao saltar um veio d'água, escapou-se a espingarda, e, sem nunca êle ter chegado a saber como, recebeu no calcanhar esquerdo tôda a carga de chumbo. Depois de padecer por muito tempo, viu a ferida agravar-se, apesar dos cuidados médicos que lhe eram ministrados, acabando por ter de amputar o pé, o que fez no Rio de Janeiro, para fugir ao frio de São

Paulo, que, para êle, era «siberiano». Cercado de amigos, entre os quais Rubino de Oliveira e Brasília Machado, que foram lentes da Academia de Direito, Américo de Campos, que realizou a proclamação da República em São Paulo, e o padre Chico (Francisco de Paula Rodrigues), passou a assistir, com quase certeza, o fim próximo dos seus dias.

Castro Alves contribuiu poderosamente com o seu talento para se dar fim ao tráfico de negros caçados na África e levados para as diversas partes do continente americano onde eram vendidos como escravos. Mas isso, que hoje tanto nos horroriza, era apenas um «sistema econômico» daqueles tempos, e por isso mesmo encarado como regime normal, não sendo poucos os que achavam ser a escravidão uma lei de seleção como outra qualquer, pôr meio da qual os mais fortes deviam sobreviver.

Não se poderia falar da luta vitoriosa de Castro Alves em favor da liberdade dos escravos sem lembrar um pouco do seu «Navio Negro», onde os horrores da escravidão aparecem numa de suas faces mais pungentes: o transporte daqueles infelizes, amontoados nos porões infectos das embarcações, sucumbindo, às dezenas, no martírio da longa travessia, tratados pior que animais.

Faleceu, o poeta com pouco mais de 24 anos de idade; e se bem a sua poesia seja classificada como *condoreira*, tendo êle Vitor Hugo como padrão, não se lhe pode negar sensibilidade lírica, como ressalta de muitos dos seus melhores versos, como se pode apreciar em «Espumas Flutuantes».



Há 135 anos, nascia na Bahia o poeta Castro Alves

Há 135 anos, no dia 14 de março de 1847, nascia o poeta Antônio Castro Alves, um dos maiores da geração romântica e que desapareceu prematuramente, em plena exuberância dos seus 24 anos; talvez por isso não tenha tido tempo suficiente para completar a obra que era de se esperar de seu talento. Mas, segundo os estudiosos, o que deixou possuído tanto sentimento, exprime tão bem o caráter nacional, que, lendo-se hoje os seus versos, tem-se a impressão de que foram escritos por um contemporâneo.

Poeta baiano (Castro Alves nasceu não em Currallinho, como afirmam alguns de seus biógrafos, mas em Cabaceiras, fazenda de criação de gado, a meia légua de Paraguaçu, na mesma província da Bahia), um dos fundadores da Escola Condoreira, salientou-se mais que nenhum outro romântico dentro das características da escola, ou seja, pompa das figuras, sonoridade dos vocábulos, espontaneidade. Seus versos incendiavam os corações e abrasavam de entusiasmo as mentes mais frias.

Por um documento escrito de próprio punho por seu pai, Antônio José Alves (e que foi divulgado por um de seus biógrafos, Afrânio Peixoto), sabe-se que ele nasceu às dez horas da manhã. Era o segundo filho dos pais, que tiveram, depois dele, mais quatro. "Cecéu", como era conhecido familiarmente, estudou no Colégio Sebrão, na capital baiana. Adolescente, ingressa na Faculdade de Direito do Recife mas mesmo antes disso já escrevia seus versos. Aos 17 anos tem início sua fase áurea. Redigindo com Maelcel Pinheiro, Aristides Milton e Alves

de Carvalhal o periódico "O Futuro", estudava regularmente na Faculdade enquanto fazia versos. Foi como o mesmo grupo que iniciou uma nova fase na literatura brasileira, a chamada "poesia condoreira".

Sempre vestido de preto, para ressaltar sua palidez romântica, os cabelos puxados para trás, Castro Alves punha sua inspiração a serviço da Pátria, enaltecendo-lhe os feitos. Teve um romance com a atriz de teatro portuguesa Eugênia Câmara, dez anos mais velha que ele que lhe inspirou muitos versos.

Aos 20 anos, é um nome nacional, o primeiro poeta de seu tempo. Mas no dia 11 de novembro de 1863 ocorre o incidente que lhe apressaria o fim: caçando, dá casualmente um tiro no pé. Transportado para o Rio de Janeiro, os médicos têm que amputar-lhe o pé ferido. Depois, a tuberculose. Já bem próximo da morte, ele lembra em versos os dias felizes em São Paulo, onde havia estado para a apresentação de sua peça "Gonzaga"... "Tenho saudades, ai de ti, São Paulo; Rosa de Espanha no hiberna Friul..."

Doente, aleijado e triste, volta à Bahia, em fins de 1869, para morrer na terra natal.

Castro Alves desapareceu a 6 de julho de 1871. Ao morrer, deixa publicado apenas um volume de versos, "Espumas Flutuantes", o drama histórico "Gonzaga e a Revolução de Minas". Cinco anos mais tarde, publicam-se "Os Escravos", poema brasileiro dividido em duas partes. Algum tempo depois, ainda "Navio Negro", "Vozes D'Africa", "Os Cantos do Equador", "Don Juan" e a tradução da "El Diablo Mudo", de Espronceda.

(Extraído do jornal "Folha da Tarde", de São Paulo de 13-março-1982)